

PROGRAMA
EXPERIMENTAL
DE RÁDIO



1,10

estranho

estranho

o meu estranho discurso irá desenvolver-se em torno do significado da palavra "estranho"

o meu discurso torna-se progressivamente mais estranho aos meus ouvintes

como se tornou fácil adivinhar o vosso pensar

vós produtos deste e doutros instrumentos

deixai-me ser por momentos ser vosso deus

façai o que vos ordeno

silêncio

quietos

parem

parem

eu estou aqui !

4,50

talvez possamos viver sem nunca nos espantarmos com esta afirmação, é uma expressão tão clara

que não oferece mínima desconfiança, no entanto se decidirmos encara-la de frente vacila o que

parecia tão firme até nos perdermos em significados fúgidos

é na mais pura lucidez que nos despimos e olhamos a roupa que usamos com estranheza, nos

desencontramos, nos tornamos estranhos a nós mesmos, perdendo o cordão umbilical a essa unidade

firme que designamos "eu"

a essa referência constante que tomamos quase implícita

"eu" nunca se nos tornou tão estranho

na verdade abre-se um abismo entre "eu" e "estar"

reduzimos o eu a um objecto da memória, passado, sem nos condicionar agora

é este incondicionado que pretendo colocar em "estou aqui" sem "eu"

estou

sou

mas não vos posso dizer mais nada

pois é isto exactamente o incaracterístico

a base e a fonte de toda a construção de edifícios que agora podemos presenciar com toda a

frontalidade, que são o conjunto das nossas representações e a que chamamos

universo.

6,55

as leis da natureza desafiam a nossa maneira comum de pensar,

o universo revela-se bem mais subtil do que jamais alguma vez o homem imaginara,

e no entanto esta afirmação cai sem impacto nos ouvidos das massas,

as nossas formas da intuição fundamentais, do espaço, do tempo, da causalidade,

estão desfasadas da realidade, são apenas aproximações grosseiras ao mundo à nossa escala,

no entanto isto parece não preocupar quase ninguém.

12,05

quando a consciência é reduzida, fica-se constringido a um sistema de formas de acção e sentimentos.

a consciência determina o grau de libertação desse sistema.

há portanto um estado de elevada consciência, no qual se desfaz todo o tipo de sentimentos ordinários,

ou seja, que leva em consequência a uma ruptura com aquele sistema.

e como que estando o universo fenoménico articulado de alguma maneira a esse sistema,

isto é, revestidos os objectos e acções de certo sentimentalismo,

essa ruptura caracteriza-se pela eliminação dessa articulação.

e por isto o universo fenoménico e mesmo as percepções sensoriais, já que aquela ruptura poderá ser

mais profunda ao ponto de uma desarticulação com o próprio universo cognitivo, encontrando-se,

essas percepções e o universo como dizia, assim despídos, surgem estes como algo

estranho e novo.

13,26

impõe-se-me clarificar o meu depoimento,

irei portanto exemplificar.

caminhando pela rua vi lá ao longe um miúdo, um putto que brincava na berma do passeio, fui-me aproximando e a criança repara em mim, repara talvez na estranheza da minha figura. a criança era linda, os seus olhos eram encantadores e luziam naquela facezinha clara e delicada. cheguei junto dela e parei, fitei-a com ternura e ela fitava-me mas com medo, porque eu tinha parado em frente dela. de repente agarrei-lhe pelo braço, e a criança desata aos gritos, tirei então a faca do bolso e espetei-lhe na barriga, e os seus gritos transformam-se em gemidos, como se não bastasse espeto-lhe a faca no peito e depois outra vez na barriga e outra vez no peito e espeto-lhe nas costas e no pescoço, esfaquiei-a toda. os seus gritos e gemidos foram diminuindo até ficar em silêncio. e os seus joelhos dobram-se, e cai a meus pés assim de joelhos sem eu tirar a mão do seu braço. volto o meu olhar para cima e vejo as nuvens percorrerem suavemente o céu azul, e sinto uma pequena brisa passar pelo rosto. não há dor nem há sentimentos. deixo cair a faca, e reparo na minha mão direita ensanguetada, sentindo aquele líquido vermelho escorregando devagar pelos dedos. tento relacionar algo com isto, penso na estranheza de todas as coisas que me rodeiam. o universo. as coisas são apenas, e as relações só existem no meu pensamento. procuro neste momento e não as encontro. largo a criança que cai já morta, sujo a minha cara com o sangue dela e ajoelho-me perante aquele corpo que fora vivo, que corria, saltava e brincava como todas as outras crianças saudáveis. mas tudo isso já passou, agora o que existe é apenas um corpo que jaz ali à minha frente. dou-lhe um beijo na face. pego a faca do chão e arranco-lhe um olho, e meto-o no bolso do meu casaco. depois quando se anunciava já os gritos das pessoas que corriam em minha direcção, transformei-me numa pedra da rua.

hoje de manhã estava a lavar a cara como habitualmente, quando me detive diante do espelho a observar aquele rosto molhado. o meu pensamento bloqueara-se tal fora a nitidez com que aquela imagem real me atingira. havia ali um lapso de tempo, como se todo o universo parasse, silenciando-se tudo perante aquela imagem. o meu olhar fixou-se nela com uma tal rigidez que me senti preso. a minha percepção transformou-se completamente. antes daquele momento eu diria sem ambiguidade que me encontrava ali, mas naquele momento eu já não era capaz de reconhecer o que via. uma forma grotesca, estranha, com movimento próprio, e os pormenores que me pareciam factos incríveis, como os cabelos e a barba, esses filamentos escuros emanando de uma superfície aparentemente lisa. ou essa saliência na frente a que chamamos de nariz, de forma simétrica com dois orifícios. após o que o meu olhar retrai-se voltando ao olhar global. e surge na imagem um rosto mais estranho que nunca. mal me custa acreditar que tem sido esta a minha própria representação. estranho-o como se encarnasse de repente este organismo bizarro que nunca vira antes. e ao voltar o meu olhar para baixo, estremeço de terror com a aparição repentina da pergunta:

o que é que se tem estado a passar ?

e observando obsessivamente as mãos sobre a água a correr, com um medo de desamparo pergunto:

o que é que se tem passado defacto ?

o que tem sido isso de existir ?

existir !

existir ?

que estranho fenómeno é este ?

movo os dedos das mãos, fecho-as em punho, para ter a certeza que as podia controlar, para me certificar que estou articulado a essa realidade que percepciono mediante este organismo estranho.

23,55

estava a pensar em tudo isto ao avistar um indivíduo esperando pacientemente na paragem do autocarro do outro lado da rua. aproximei-me em direcção a ele como se lhe fosse dirigir a palavra. ele ao notar-me avançando decidido sobre ele, deixa transparecer uma inquietação progressiva. de olhos postos na minha vítima, paro a um metro diante dele. ele espera ansiosamente a minha intervenção. mas nada. ele num tom desesperado pergunta: sim ? deseja alguma coisa ? mas nada. em silêncio postei-me diante dele, de olhos exageradamente abertos, procurando seguir obsessivamente o seu olhar. com um olhar visivelmente desesperado, olha impaciente para os lados tentando evitar-me. e enquanto ele desviava o seu olhar, eu com toda a energia que possuía, gritei-lhe, gesticulando com os braços e pulando. aaaaaaaaarrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrr. o indivíduo tem um sobressalto, e aterrorizado com o susto vai-se embora, com expressões como: que louco ! só me faltava esta, que doido varrido !

28,29

batem à porta do meu quarto. completamente absorto, debruçado sobre o meu colega de quarto, replico:

um momento ! quem é ?

é o antónio !

eu já vou abrir !

passado instantes, limpando apressadamente as mãos na toalha, abro a porta ao meu amigo.

olá antónio, como estás ? desculpa não te cumprimentar, tenho as mãos cheias de sangue !

não tem mal ! diz-me ele.

estou entretido a esquartejar o meu colega de quarto, mas a faca não é das melhores ! digo-lhe eu.

está à vontade, não te quero estorvar com a minha presença, por favor continua, eu só vim trazer-te os apontamentos que me havias pedido ! diz-me ele.

ah, ótimo ! deixa-os ficar em cima daquela mesa ! dizia eu. enquanto retomava a minha tarefa, finalmente conseguindo cortar as vértebras do pescoço, arrancando totalmente a cabeça do meu colega de quarto que perdera a existência. e levantando-a com um ar satisfeito, mostrei-a ao meu amigo, distante do que eu estava a fazer:

vês ?

////////////////////////////////////

31,28

ontem dia quinze de agosto de mil novecentos e noventa e três,

um mosquito veio ter comigo, e pousou na minha mão, e tentou sugar-me.

após o que suprei-lhe e desapareceu. jamais o verei.

isto passou-se em trofa quando estava sentado perto da estação.

de onde veio ? para onde foi ? como viverá ?

estas perguntas que não intrigam ninguém ficaram-me no pensamento.

completamente alheados do real, aprendemos habituamo-nos a viver nele, como se fora um objecto estranho, que deixara de o ser, não por penetrarmos nele, mas por vivermos demasiado tempo junto dele. embora parte dele, tornou-se-nos distante. seja ele simplesmente uma pedra, uma árvore, o sol, ou nós mesmos, nada nos faz parar por momentos para o contemplarmos com êxtase e nos interrogarmos sobre ele. pertencemos a essa grande classe de gente, que ao ver chover em vez de pensar porque chove, que processo poderá desencadear a precipitação, pensa: como me poderei agasalhar e chegar a casa enxuto? ou, ao ver uma centopeia como a que vejo neste momento, em vez de se questionar de que forma se desenvolveu, de que se alimenta, como acasala ou procria, questiona: como irei matar este bicho horrendo, com o chinelo ou a vassoura?

ahrre !

e acabou por ser com o chinelo !

vivemos cercados de preocupações mesquinhas demasiado familiares. como se tornou cómodo enfiarmo-nos numa poltrona e não pensar. simplesmente entretém-se o cérebro absorvendo qualquer coisa. como é bom simplesmente seguir esse rasto de fumo narcótico, e esquecermos que existimos.

claro que quero ser feliz, toda a gente quer ser feliz !

apareceu-me uma bolha no ânus muito vermelha, que foi crescendo muito, até ficar um enorme papo já esbranquiçado. num gesto de indignação e de coragem, espetei uma navalha.

o papo explode.

e uma substância branca espalha-se pelo espaço.

depois formaram-se as galáxias, os sóis e os planetas, à medida que a substância apodrecia. lembro-me disto porque morreu muita gente.

raios ó pá

lembro claramente dessa ponte por sobre as minhas ideias, para onde eu corria flutuadamente. certo dia, esbarrei-me com um pensamento estranho. fiquei aterrorizado. não era para menos. tinha uma forma bizarra e rugia como uma vaca arremessada de muito alto. de repente lança-se sobre mim, querendo atirar-me abaixo da ponte. num rasgo de génio, penso em como as vacas me excitam quando cheiro o aroma quente das suas vaginas.

nisto o raio do pensamento estranho esfuma-se.

suspirando de alívio, olho para baixo da ponte, e vejo algo surpreso um mar de larvas, e penso: isto serão as minhas ideias ?

e caiu-me da boca este pensamento metamorfoseando-se também numa larva.

reparei que havia uma larva enorme no seio das outras, que as devorava.

fiquei com medo e regressei ao meu quarto deus não existe.

\$#"#\$"##54%\$\$%/(%)%)(?/?\$%\$""!""!!!

deitei-me. e tentei adormecer, mas tinha no meu pensamento a larva devoradora, e lembrei-me que podia ser deus existe. e com medo de não ser inteiramente inexpugnável o meu quarto, decidi mudar e fui apressadamente para o quarto nada, aí sentindo o conforto do vazio, adormeci.